ISSN: 2358-8829

ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E EDUCAÇÃO MIDIÁTICA: RELATO DE EXTENSÃO NO ENSINO DE QUÍMICA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE SALVADOR

Raquel de Lima Sachdev [1]
Danilo de Jesus [2]
Jacqueline Peixoto Miranda Badaró [3]
Vitória Regina Bispo Soares [4]
Beatriz Souza Aranha da Silva [5]
Leticia Cunha Matos [6]
Luana Oliveira Araujo Bittencourt [7]
Tiana Ribeiro Macedo Conceição [8]

INTRODUÇÃO

A expansão acelerada das tecnologias digitais e, em particular, da inteligência artificial (IA) generativa alterou de modo profundo as condições de produção e de circulação da informação. Textos, imagens, áudios e vídeos passaram a ser gerados em grande escala, com aparência verossímil e sem verificação, encontrando nas redes sociais um ambiente propício à difusão rápida e segmentada. A desinformação tornou-se um problema estrutural da cultura da informação, que atinge com especial intensidade crianças e adolescentes, público que se forma como leitor e como cidadão em meio a esse fluxo contínuo de conteúdos (PRADO, 2022). Mesmo conscientes da veracidade duvidosa de um conteúdo, muitas pessoas continuam a compartilhá-lo (AZEVEDO,

[1] Professora do Curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – campus Salvador, raquel.sachdev@ifba.edu.br;
[2] Professor do Curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – campus Salvador, danilo.jesus@ifba.edu.br;
[3] Professora do Curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – campus Salvador, jacquelinemiranda@ifba.edu.br;
[4] Professora do Curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – campus Salvador, vitoriabispo@ifba.edu.br;
[5] Estudante do Curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – campus Salvador, beatrizaranha44@gmail.com;
[6] Estudante do Curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – campus Salvador, 20231880054@ifba.edu.br;
[7] Estudante do Curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – campus Salvador, luanaoliveirabit@gmail.com;
[8] Estudante do Curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – campus Salvador, tiana.macedo0710@hotmail.com;

2024), o que evidencia que a simples disponibilidade de informação correta não basta. É preciso formar sujeitos capazes de interrogar a origem, a intenção e a consistência daquilo que leem, assistem e repassam, e é nesse ponto que a alfabetização científica e a educação midiática convergem.

Foi a partir desse diagnóstico que docentes e estudantes do Curso Técnico Integrado em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Salvador, propuseram o projeto de extensão "Divulgação Científica como Ferramenta de Alfabetização nas Séries Iniciais em Escolas Públicas de Salvador", aprovado no Edital nº 17/2025/DIREC/IFBA, do Programa de Apoio Institucional à Extensão. O projeto tem como público prioritário estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio de escolas públicas de Salvador e toma a divulgação científica como estratégia pedagógica para aproximar a ciência da sociedade, com foco no desenvolvimento do pensamento crítico e no enfrentamento da desinformação potencializada pela IA. Este relato abrange também o trabalho realizado nas edições anteriores do projeto, contempladas nos Editais nº 13/2024 e nº 16/2024 da Pró-Reitoria de Extensão do IFBA.

O objetivo geral do projeto é desenvolver ações de divulgação científica para fortalecer a educação midiática, promover a alfabetização científica nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio e contribuir para o combate à desinformação. Como objetivos específicos, propõem-se criar conteúdos digitais acessíveis e interativos, realizar visitas pedagógicas a escolas públicas de Salvador, formar estudantes-monitores em divulgação científica e educação midiática, estabelecer parcerias com museus e espaços científicos, realizar oficinas e eventos educativos no IFBA, participar de eventos de extensão e promover inclusão e diversidade nas ações. Para tanto, as ações foram organizadas em quatro eixos: criação de conteúdo digital, oficinas experimentais e rodas de conversa em escolas públicas, visitas mediadas a espaços não formais de educação e participação em eventos institucionais.

Este texto configura-se como um relato de experiência, de natureza qualitativa e descritiva, que sistematiza o percurso do projeto, discute os resultados alcançados à luz do referencial teórico adotado e aponta limites e perspectivas. Em síntese, os resultados indicam que a articulação entre experimentação, linguagem acessível e tecnologias digitais favoreceu a transposição de conteúdos complexos da Química para o universo

dos estudantes da educação básica, ampliou a cultura científica no ambiente escolar e fortaleceu o vínculo entre o Instituto Federal e a comunidade externa.

METODOLOGIA

O projeto é desenvolvido no IFBA, Campus Salvador, por quatro docentes do Curso Técnico Integrado em Química e por estudantes do mesmo curso, que atuam como monitores. O público-alvo previsto compreende cerca de 300 pessoas da comunidade interna e 2.000 pessoas da comunidade externa, entre as quais aproximadamente 500 integrantes de população em situação de vulnerabilidade social, com prioridade para estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio de escolas públicas da capital baiana. O projeto tem caráter contínuo desde 2022 com aprovações em diversos editais de fomento, entre os quais os Editais nº 13/2024 e nº 16/2024 da PROEX/IFBA e o Edital nº 17/2025/DIREC/IFBA, cujas ações são abrangidas por este relato.

O primeiro eixo, de criação de conteúdo digital, consiste no desenvolvimento de materiais em vídeo, imagem e texto para o perfil do projeto no Instagram, QuímicON (@quimiconifba) com linguagem adaptada ao público jovem. O processo envolve a definição de temáticas mensais, a elaboração de roteiros em linguagem acessível, a gravação com participação dos estudantes-monitores, a edição com ferramentas como CapCut e Canva e a publicação acompanhada da análise de métricas de alcance e engajamento. A meta estabelecida foi a produção de, no mínimo, 60 conteúdos audiovisuais ao longo do ano.

O segundo eixo, de visitas a escolas públicas, compreende apresentações experimentais e rodas de conversa em escolas de Salvador, planejadas em conjunto com os professores das unidades escolares, selecionadas em parceria com a rede pública de ensino e com diversidade de bairros e de perfis de estudantes. Para cada visita, a equipe levanta práticas experimentais adequadas à faixa etária, prepara kits experimentais, vídeos e dinâmicas e elabora roteiros de apresentação. A meta prevista é de quatro visitas anuais, com coleta de dados sobre a participação e o impacto da ação junto aos estudantes e às equipes de gestão escolar.

O terceiro eixo, de parcerias com museus e espaços de ciência, consiste em visitas técnicas a espaços não formais de educação de Salvador e região, como o Centro de Ciência e Tecnologia e Planetário, com participação ativa dos monitores e captura de

vídeos, fotografias e entrevistas com educadores dos locais, de modo a gerar conteúdos para as redes sociais e para as oficinas. A meta é de três visitas e de cinco produções digitais delas derivadas. O quarto eixo, de eventos institucionais, prevê uma apresentação interativa durante o "IFBA de Portas Abertas", conduzida pelos monitores e pela equipe, com experiências simples voltados especialmente aos estudantes de escolas públicas visitantes, além da participação da equipe em eventos extensionistas internos e externos ao IFBA.

Como instrumentos de acompanhamento e avaliação, o projeto prevê a aplicação de questionários com perguntas objetivas e subjetivas antes e depois das ações pedagógicas, com a meta de alcançar ao menos 200 estudantes e dez professores, além de formulários de percepção nas oficinas e nos eventos. Neste relato, privilegia-se a análise qualitativa das ações, reservando-se os resultados quantitativos dos instrumentos para publicação específica ao término do projeto. Em todas as ações, adotam-se diretrizes de inclusão e diversidade, com linguagem acessível e não discriminatória, representatividade de gênero, etnia e cultura local nos exemplos e imagens, temas de relevância social para a comunidade, como a biodiversidade da Bahia, a saúde pública e os saberes tradicionais, e participação de estudantes de diferentes origens sociais e regiões da cidade. Quanto aos aspectos éticos, os instrumentos de avaliação são anônimos e voluntários e não coletam dados pessoais identificáveis, os registros audiovisuais observam a autorização prévia das instituições e dos responsáveis pelos estudantes, e as imagens apresentadas neste relato integram esses registros, não sendo divulgados dados pessoais dos participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para Chassot (2000), a alfabetização científica é um conjunto de conhecimentos que facilita aos homens e às mulheres fazer uma leitura do mundo em que vivem, compreendendo a ciência como uma linguagem construída para explicar a natureza. Em texto posterior, o autor sintetiza essa posição ao afirmar que "ser alfabetizado cientificamente é saber ler a linguagem em que está escrita a natureza" e que "é um analfabeto científico aquele incapaz de uma leitura do universo" (CHASSOT, 2003, p. 91), vinculando a alfabetização científica à inclusão social, pois quem não domina essa linguagem fica à margem de decisões que afetam diretamente sua vida. Sasseron e Carvalho (2011) identificam três eixos estruturantes dessa alfabetização: a compreensão

de conceitos científicos fundamentais, a compreensão da natureza das ciências e o entendimento das relações entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente. Santos (2007), por sua vez, defende uma educação científica na perspectiva do letramento como prática social, voltada à leitura crítica da realidade e à participação em debates públicos.

No ensino de Química, a experimentação é estratégia privilegiada para articular fenômeno, teoria e linguagem, sobretudo quando conduzida de forma investigativa e não meramente demonstrativa. Wartha, Silva e Bejarano (2013) alertam, contudo, que a contextualização não pode se reduzir à exemplificação com situações do cotidiano, sendo necessário que o cotidiano seja problematizado, de modo que o conhecimento químico sirva para compreender e intervir na realidade.

A divulgação científica, entendida como o conjunto de práticas de recodificação da linguagem científica para públicos não especializados, cumpre papel essencial na democratização do saber. Cazelli, Marandino e Studart (2003) mostram que museus e centros de ciência consolidaram-se como espaços educativos próprios, nos quais a mediação e a interatividade favorecem a aproximação afetiva e cognitiva com a ciência. Valério e Takata (2025), ao proporem uma definição plural de divulgação científica, situam-na no horizonte da extensão universitária, sustentando que é nesse âmbito que ela deve ser acolhida e incorporada como prática acadêmica de valor.

A educação midiática, por sua vez, volta-se ao desenvolvimento da capacidade de acessar, analisar, avaliar e produzir mensagens em diferentes suportes. Buckingham (2010) sustenta que a escola não pode limitar-se a usar as tecnologias como ferramentas, devendo tomá-las como objeto de estudo e examinar criticamente como os meios representam o mundo. A inteligência artificial generativa intensificou esse desafio: Prado (2022) analisa como algoritmos e sistemas automatizados participam da guerra da desinformação, produzindo notícias falsas com temáticas explosivas em escala industrial, e Floridi (2019) argumenta que a compreensão da lógica da informação tornou-se condição para a autonomia dos sujeitos em sociedades mediadas por tecnologias digitais. Nesse contexto, alfabetização científica e educação midiática deixam de ser agendas paralelas e passam a compor uma mesma estratégia formativa.

Esse entendimento encontra respaldo no marco legal da educação brasileira. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabelece, entre os princípios do ensino, a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o

saber (BRASIL, 1996), e a Base Nacional Comum Curricular inclui entre as competências gerais da educação básica a de:

> Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 9).

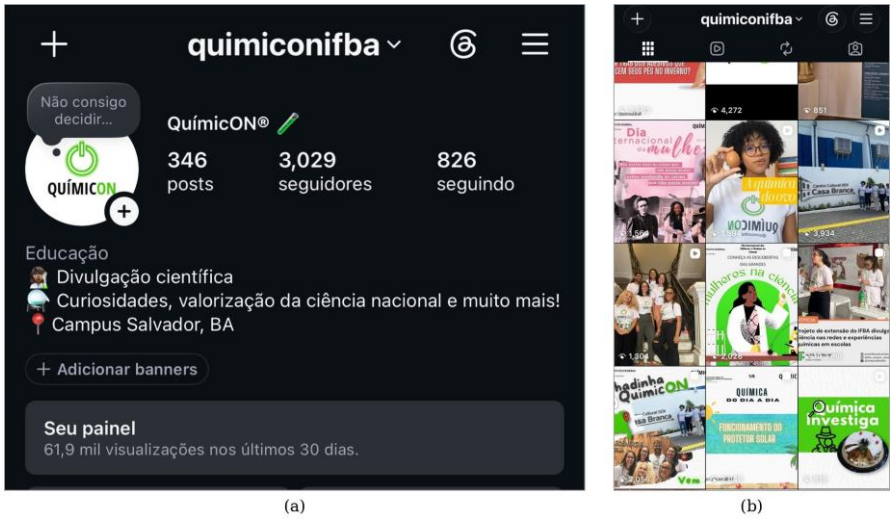
A mesma Base prevê a capacidade de argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis e assume, na área de Ciências da Natureza, o compromisso com o letramento científico (BRASIL, 2018). No que se refere à extensão, a Lei nº 11.892/2008 define entre as finalidades dos Institutos Federais a de desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica (BRASIL, 2008), e a extensão é compreendida como processo educativo, cultural e científico que articula ensino e pesquisa de forma indissociável (FORPROEX, 2012), concepção expressa, no IFBA, na Política de Extensão aprovada pela Resolução CONSEPE nº 93/2023 e no Plano de Desenvolvimento Institucional (IFBA, 2020, 2023). Por fim, Freire (1983) critica a ideia de extensão como transmissão unilateral de um saber de quem sabe para quem não sabe e propõe, em seu lugar, a comunicação dialógica, em que os sujeitos se educam mutuamente na problematização do mundo. Nessa perspectiva, levar experimentos de Química a uma escola pública não é entregar um conteúdo pronto, mas abrir um espaço de diálogo entre os saberes dos estudantes e de seus professores e o conhecimento científico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados são apresentados a partir dos quatro eixos metodológicos, tomados como categorias analíticas, seguidos de reflexões transversais. No eixo de criação de conteúdo digital, o principal resultado foi a constituição de uma rotina de produção que coloca os estudantes-monitores como autores, e não apenas como figurantes, dos materiais. A definição de temáticas mensais permitiu articular conteúdos de Química do cotidiano a pautas de relevância social para a comunidade local, como a biodiversidade da Bahia, a saúde pública e os saberes tradicionais, e a temas de educação midiática, como a verificação de afirmações virais sobre substâncias e produtos. A elaboração de roteiros

em linguagem acessível revelou-se, ela própria, um exercício de alfabetização científica para os monitores. Durante o ano de 2025 foram publicados 62 *posts*, número que supera a meta anual de 60 conteúdos, e o perfil QuímicON conta atualmente com 346 publicações e 3.029 seguidores, tendo registrado, nos últimos 90 dias, 1.556.802 visualizações e 1.038.045 visualizadores, segundo o painel profissional da plataforma consultado em novembro de 2026. Entre os conteúdos publicados figuram séries como Química do Dia a Dia, Química Investiga e Mulheres na Ciência, com temas como a química do ovo e o funcionamento do protetor solar, e o trabalho foi noticiado no portal institucional do IFBA (Figuras 1 e 2).

Figura 1 – Perfil QuímicON (@quimiconifba) no Instagram em novembro de 2026: (a) dados gerais do perfil, com 346 publicações e 3.029 seguidores; (b) mosaico de publicações recentes



Fonte: Instagram do projeto QuímicON (2026).

Figura 2 – Desempenho do perfil QuímicON nos últimos 90 dias, com 1.556.802 visualizações e 1.038.045 visualizadores (painel profissional do Instagram, novembro de 2026)



Fonte: Instagram do projeto QuímicON (2026).

ISSN: 2358-8829

No eixo das oficinas em escolas públicas, a experiência confirmou o potencial da experimentação como porta de entrada para a alfabetização científica. Privilegiaram-se experimentos de baixo custo e forte apelo visual, a exemplo da identificação de ácidos e bases com indicadores naturais e da medição do pH de materiais do cotidiano, articulados a perguntas sobre saúde, alimentação e ambiente. A estrutura adotada, que combina demonstração, participação ativa e roda de conversa, cria o espaço em que as questões sobre desinformação emergem a partir de exemplos trazidos pelos próprios estudantes, como conteúdos vistos em redes sociais sobre alimentos e medicamentos. Esse movimento, do fenômeno observado para a pergunta sobre como saber se uma afirmação é confiável, corresponde à problematização do cotidiano defendida por Wartha, Silva e Bejarano (2013). Em 2025, foram realizadas quatro visitas em escolas do município de Salvador, alcançando aproximadamente 200 estudantes. A Figura 3 ilustra duas dessas visitas, realizadas na Escola Estadual Professora Armandina Marques, em 22 de outubro de 2025, e na Escola Municipal Afonso Temporal, em 5 de novembro de 2025.

Figura 3 – Apresentações experimentais conduzidas pela equipe do projeto em escolas públicas de Salvador: (a) Escola Estadual Professora Armandina Marques, em 22/10/2025; (b) Escola Municipal Afonso Temporal, em 05/11/2025



(a) (b)

Fonte: acervo do projeto QuímicON (2025).

As visitas a espaços não formais de educação ampliaram o repertório cultural dos participantes e geraram material para as redes sociais e para as oficinas. Museus e espaços de ciência oferecem, como destacam Cazelli, Marandino e Studart (2003), uma aproximação com a ciência que a sala de aula dificilmente reproduz, e o registro audiovisual das visitas leva essa experiência a quem não pôde estar presente. Foram visitados, em 2024, os seguintes espaços: Museu da Energia, Centro Cultural SESI Casa

Branca – Estação Ciências e Museu da Misericórdia, com sete mídias geradas, entre *vlogs* das visitas e materiais sobre elementos observados nos museus, número superior à meta de cinco produções digitais. No eixo dos eventos institucionais, a apresentação interativa de combate à desinformação planejada para o "IFBA de Portas Abertas" reúne os produtos dos demais eixos, com experimentos simples e *cards* informativos conduzidos pelos monitores junto ao público visitante. O evento registrou um público em torno de 400 visitantes.

Considerados em conjunto, os eixos permitem duas reflexões transversais. A primeira diz respeito ao enfrentamento da desinformação. A opção do projeto não foi a desconstrução pontual de boatos, mas o desenvolvimento de hábitos de leitura crítica: perguntar quem produziu a informação, com que finalidade, com base em que evidências e se é possível verificá-la em outra fonte. Quando esses hábitos são exercitados a partir de um experimento que os estudantes acabaram de realizar, a noção de evidência deixa de ser abstrata. A IA generativa foi tratada não como ameaça, mas como tecnologia cujo funcionamento, limitações e vieses precisam ser compreendidos, em sintonia com a competência da BNCC relativa à cultura digital (BRASIL, 2018) e com os alertas de Prado (2022) e Floridi (2019).

A segunda reflexão refere-se à inclusão e ao vínculo com a comunidade. A escolha de temas com relevância local, a atenção à representatividade nos exemplos e imagens e a seleção de escolas de diferentes bairros foram condições para que os estudantes se reconhecessem nos conteúdos e se sentissem autorizados a participar. Em uma cidade marcada por desigualdades no acesso a bens culturais e científicos, levar a ciência à escola pública e a escola pública aos espaços de ciência é, nos termos de Chassot (2003), uma ação de inclusão social. As escolas passaram a reconhecer o Instituto como parceiro acessível, e os estudantes da educação básica tiveram contato com a educação profissional e tecnológica pública. Para o próprio IFBA, o projeto materializa a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, pois os conteúdos do curso técnico são mobilizados nas oficinas e a extensão devolve à instituição um conhecimento sobre a realidade das escolas públicas que retroalimenta o ensino.

Não faltaram desafios. A compatibilização dos calendários escolares com o do Instituto, a logística de transporte de materiais e de estudantes e o tempo necessário para produzir conteúdo de qualidade sem comprometer as atividades acadêmicas dos monitores exigiram ajustes constantes de cronograma. A consolidação dos dados dos

instrumentos de avaliação, por sua vez, demanda cuidado para distinguir percepções imediatas de mudanças efetivas de atitude diante da informação, o que será objeto de análise específica ao final do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato apresentou o percurso do projeto de extensão “Divulgação Científica como Ferramenta de Alfabetização nas Séries Iniciais em Escolas Públicas de Salvador”, desenvolvido pelo IFBA, Campus Salvador, que toma a divulgação científica e o ensino de Química como estratégias para o desenvolvimento do pensamento crítico e para o enfrentamento da desinformação potencializada pela inteligência artificial. Os resultados indicam que a articulação dos quatro eixos permitiu transpor conteúdos complexos da Química para uma linguagem acessível, ampliar a cultura científica no ambiente escolar e fortalecer o vínculo entre o Instituto Federal e a comunidade externa, com destaque para o protagonismo dos estudantes-monitores e para o alcance do perfil QuímicON, que ultrapassou 3 mil seguidores e 1,5 milhão de visualizações nos últimos 90 dias.

A experiência sugere que a alfabetização científica e a educação midiática ganham potência quando trabalhadas de forma integrada e ancoradas em práticas concretas, nas quais a noção de evidência é vivida antes de ser conceituada, e que a extensão, compreendida como comunicação dialógica, é o lugar institucional adequado para essa integração. Como perspectivas, apontam-se a conclusão da análise dos instrumentos de avaliação, a produção de um *e-book* com as metodologias e as boas práticas para replicação em outros campi e escolas, e o estudo dos efeitos de ações dessa natureza na atitude dos estudantes diante da informação em redes sociais. Espera-se que este relato contribua para o diálogo com outras iniciativas de divulgação científica e educação midiática na educação básica e para a consolidação da extensão como prática formativa nos Institutos Federais.

Palavras-chave: Alfabetização Científica; Educação Midiática; Ensino de Química; Extensão; Combate à Desinformação.

AGRADECIMENTOS

Ao IFBA campus Salvador, pelo apoio ao projeto no âmbito dos Editais nº 13/2024 e nº 16/2024 da PROEX/IFBA e do Edital nº 17/2025/DIREC/IFBA, às escolas públicas parceiras, aos espaços de ciência e cultura que acolheram as visitas e aos estudantes-monitores.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Luis Gustavo de. Fake news: o caminho da educação contra a desinformação. **Centro de Liderança Pública**, 16 abr. 2024. Disponível em: https://clp.org.br/fake-news-o-caminho-da-educacao-contra-a-desinformacao/. Acesso em: 26 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 30 dez. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez. 2010.

CAZELLI, Sibele; MARANDINO, Martha; STUDART, Denise. Educação e comunicação em museus de ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina (org.). **Educação e museu**: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003. p. 83-106.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica**: questões e desafios para a educação. Ijuí: Unijuí, 2000.

CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 89-100, jan./abr. 2003.

FLORIDI, Luciano. **The logic of information**: a theory of philosophy as conceptual design. Oxford: Oxford University Press, 2019.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA (IFBA). **Plano de Desenvolvimento Institucional 2020-2024**. Salvador: IFBA, 2020. Disponível em: https://portal.ifba.edu.br/menu-de-apoio/paginas-menu-de-apoio/acesso-rapido/pdi-2020-2024/pdi_ifba2020-2024_web.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA (IFBA). Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução CONSEPE/IFBA nº 93, de 14 de julho de 2023**. Aprova a Política de Extensão do IFBA. Salvador: IFBA, 2023. Disponível em: https://portal.ifba.edu.br/institucional2/consepe/resolucoes-2023/resolucao-93-com-anexo.pdf/view. Acesso em: 10 ago. 2024.

PRADO, Magaly. **Fake news e inteligência artificial**: o poder dos algoritmos na guerra da desinformação. São Paulo: Almedina, 2022. *E-book*.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos. Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 36, p. 474-492, set./dez. 2007.

SASSERON, Lúcia Helena; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 59-77, 2011.

VALÉRIO, Marcelo; TAKATA, Roberto. Afinal, o que é divulgação científica? Explanação e proposição de uma definição plural. **Pro-Posições**, Campinas, v. 36, e2025c0502BR, 2025. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8680810. Acesso em: 26 jul. 2025.

WARTHA, Edson José; SILVA, Erivanildo Lopes da; BEJARANO, Nelson Rui Ribas. Cotidiano e contextualização no ensino de Química. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 84-91, maio 2013.